Raimundo Cela, ilustrador

LÚCIO ALCÂNTARA*

O pintor Raimundo Cela (Sobral,1890 – Niterói,1954) é tido, em sua atividade, como o cearense mais reconhecido no Brasil ainda hoje celebrado pelos críticos e historiadores de arte. Anos mais tarde seu conterrâneo Antonio Bandeira (Fortaleza,1922 – Paris, 1967), em outras circunstâncias de tempo e lugar, haveria de seguir-lhe os passos da fama. Cela transitou entre Camocim, Fortaleza e Rio de Janeiro desenhando, pintando, gravando e também ensinando nas capitais do Ceará e do país. Na capital cearense, deu aulas de desenho no Colégio Floriano, ministrou a disciplina de matemática no Ginásio Farias Brito, lecionou desenho de aguadas, perspectiva e sombras na Escola de Agronomia. De volta ao Rio, foi o primeiro professor de gravura na Escola Nacional de Belas Artes, onde estudara, levado pelo amigo arquiteto Arquimedes Memória, cearense de Ipu, então diretor do estabelecimento. Nesta modalidade, aliás, é considerado pioneiro e mestre, mesmo com uma produção pequena no gênero. Cursou ainda a Escola Politécnica de onde saiu engenheiro civil e geógrafo, realizado sonho do pai, com conhecimento que lhe permitiu adotar soluções felizes para composição e perspectiva de seus quadros[1]. Chegou a se inscrever no concurso para a vaga de professor da cadeira de *Perspectiva, Sombras e Estereotomia* na Escola Nacional de Belas Artes com a tese "Perspectivas das Sombras Solares", vindo a desistir do certame por motivo de doença. Seu percurso no país é interrompido por uma jornada europeia centrada na França como prêmio - e não foi o único que recebeu - de viagem da Exposição Geral de Belas Artes em 1917 que

* Presidente do Instituto do Ceará.

[1] FIRMEZA, Nilo de Brito (Estrigas). A arte e o tempo. In: **Exposição Raimundo Cela 1890 - 1954**: pinturas, desenhos, gravuras. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004. p. 18.

venceu com a tela *Último Diálogo de Sócrates* de estilo acadêmico. Só viajaria em 1920, adiamento determinado por uma espécie de mal-estar rotulado como esgotamento nervoso, ocorrência que se repetiria mais uma vez ao longo de sua existência. Aí permaneceu cerca de três anos regressando, após um episódio admitido pelos médicos como uma hemorragia cerebral, e fragilizado pela morte do pai, fixa-se em Camocim onde dirige uma usina geradora de eletricidade ali permanecendo por quinze anos.

Isolado na pequena cidade costeira, foi ignorado pelo efervescente meio artístico carioca, dado como um desertor da arte e até suspeito de haver falecido. Ledo engano, equívoco mencionado por alguns de seus biógrafos. No depoimento do fotógrafo, pintor e poeta Otacílio de Azevedo que, honrado, sucedi na Academia Cearense de Letras, por ocasião de visita que fez ao atelier do pintor recluso, este declara-se deslumbrado com a profusão e a beleza de obras de sua autoria reveladoras de intenso labor artístico. Ao pé do oceano, fascinado por sua beleza, radicado na fímbria do sertão, que no Ceará encontra o mar, onde, inspirado, colheu a paisagem, os tipos populares e a faina de heróis anônimos motivos temáticos de que nunca se afastaria. Considerado o pintor do Nordeste, empresta à sua produção um viés sociológico, etnográfico, que o consagra e atrai para si o preconceito do anacronismo. Nacionalista, sustenta que todo pintor brasileiro deva se restringir a temas nacionais. O período de retiro assinala a transição do academicismo inaugural para uma pintura conservadora, com pouca influência europeia, ao mesmo tempo moderna, como registram alguns estudiosos de sua obra. Coerente, desdenha dos modernistas[2] e jamais adere ao movimento que então despontava inovador e pujante. Considerado pintor da família dos lineares, isto é, aqueles em cujas obras sobressaem os valores do desenho e da linha, guarda, contudo, em seus quadros, um equilíbrio com as manchas de pintura[3]. Neles ressumbram dinamismo e força captados, por exemplo, na tensão que marca os jangadeiros confrontados com a arrebentação.

Arredio, introspectivo, às vezes ríspido, avesso a intimidades e a convívios mundanos, tornou-se conhecido por ser um homem esquisito[4]

---

[2] SOLDON, Renato. História alegre de um homem triste. In: **Exposição Raimundo Cela 1890 - 1954**: pinturas, desenhos, gravuras. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004. p. 159.

[3] TEIXEIRA, Cláudio Valério. Métodos e processos na pintura de Raimundo Cela. In: **Exposição Raimundo Cela 1890 - 1954**: pinturas, desenhos, gravuras. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004. p. 97.

[4] _____. Métodos e processos na pintura de Raimundo Cela. In: **Exposição Raimundo Cela 1890 - 1954**: pinturas, desenhos, gravuras. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004. p. 100.

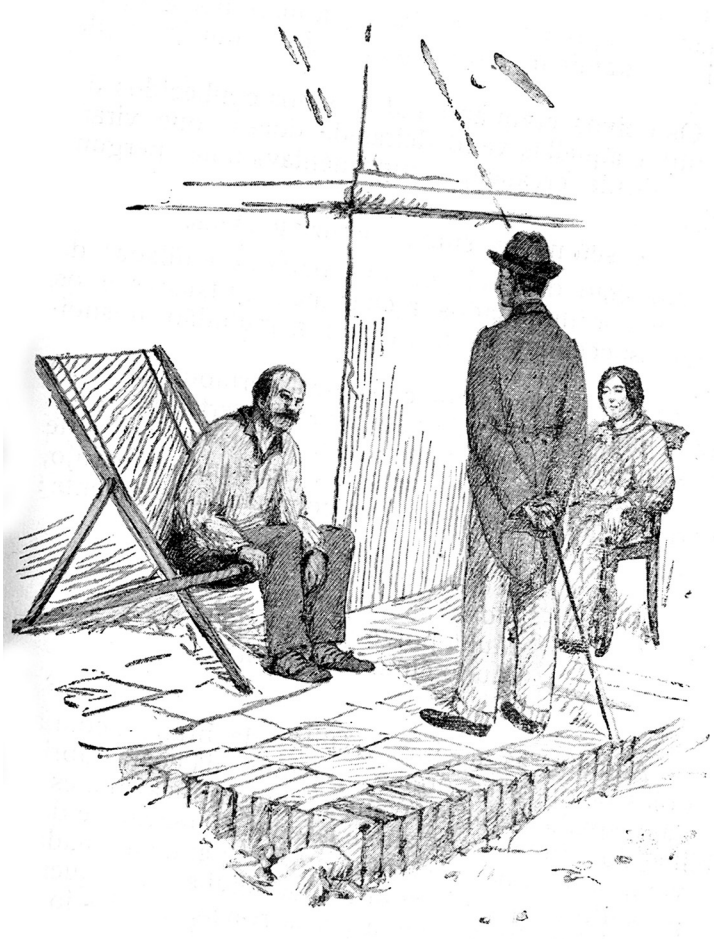
de rígidos princípios morais comportamento que terá contribuído para subtração de parcela ponderável de merecida glória em vida e póstuma. A produção de Raimundo Cela é vasta e, como visto, diversificada quanto à forma de expressão. Não faltasse outra, sem registro anterior, que só agora conheci, ilustrador de livro. Ofertado pelo amigo Francisco Olivar, o maior livreiro de rua do Rio de Janeiro, grande conhecedor do ofício, que trafega desembaraçado entre a intelectualidade carioca, veio às minhas mãos o livro *Senzalas*, Rio de Janeiro (1919), de Alberto Deodato (Maroim,1896 – Belo Horizonte,1978) sergipano, formado em direito no Rio de Janeiro, emigrado para Minas Gerais onde ocupou cargos públicos e fez carreira no magistério, no jornalismo e na política. Foi signatário do "Manifesto dos Mineiros" em outubro de 1943 reivindicando a redemocratização do país. Ensinou finanças e direito internacional na Faculdade de Direito de Minas Gerais da qual foi diretor. Vereador em 1936, cassado com o advento do Estado Novo, filiado à UDN foi constituinte estadual em 1947 e Deputado Federal (1950 – 1954). Opositor de Vargas, tramou contra ele no episódio que culminou com o suicídio do presidente. Do mesmo modo acompanhou Magalhães Pinto na conspiração político-militar que depôs João Goulart. Escreveu em jornais de Minas e do Rio e publicou vários livros que versaram sobre direito, política, romances e contos além de peças de teatro.

Senzalas é um livro de contos inspirados na paisagem natural e humana do sertão nordestino descrito em linguagem candente na vigência de severa estiagem, fenômeno recorrente na região. Recolhe letras de modinhas entoadas ao som da viola, manifestações expressivas da cultura matuta. Foi elogiado em carta dirigida por Lima Barreto ao autor que integra o fundo do jornalista e escritor no acervo da Biblioteca Nacional[5]. O trabalho consta de três narrativas ilustradas em consonância com os conteúdos de cada uma delas. Ao todo são seis ilustrações cuja atribuição à Cela vem no final do livro em forma de agradecimento do autor: "As ilustrações do meu livro devo-as a Raymundo Cella, o grande artista cearense". Todas reproduzem o estilo inconfundível do premiado artífice. Na página de abertura da publicação há uma imagem do autor que sugere a reprodução de uma fotografia.

[5] BARRETO, Lima, escritor e jornalista. *Carta a Alberto Deodato, fazendo comentários elogiosos ao livro Senzalas.* Rio [de Janeiro, 19--]. Texto escrito a lápis. Provável minuta de carta. 4 p. Acidificado. Orig. Ms. Série Correspondência enviada. Coleção Lima Barreto.

Os Retirantes, oferecido ao conterrâneo Jackson de Figueiredo, descreve a seca e como afeta a natureza e ameaça a sobrevivência dos sertanejos. A emigração forçada e dorida, lamentável fenômeno social com o qual convivemos até recentemente, está retratada de forma a captar o semblante melancólico dos sertanejos atingidos pela tragédia climática que ceifa vidas e esperanças. Não falta no enredo o perfil autoritário do coronel nordestino lavado em sangue pelo pai que vinga a filha abusada. O artista volta ao tema na gravura "Retirantes" (Circa, 1923 – 1952) na qual um casal diante do mar, fita o horizonte com o pensamento cheio de incertezas anúncio do sofrimento que os aguarda.

Gente Simples é a história de um recém-formado bacharel em direito na capital federal que regressa ao interior de Sergipe para as homenagens da família enquanto espera ser nomeado para uma função na metrópole. Entediado, acolhe as manifestações festivas provincianas na vila e no decadente engenho de fogo morto de familiares encantados com a visita do mem



Com o passar do tempo se rende à rotina de tertúlias com autoridades locais, o aconchego de parentes e amigos que acaba em casamento com a prima de antemão lhe destinada. A temporada prevista para ser breve termina convertida em residência definitiva. O conto sugere uma nota autobiográfica pois o autor, concluído o curso de direito, retorna ao seu estado natal onde exerce por algum tempo a promotoria em Capela até se transferir para Belo Horizonte.

A Botija, dedicado a Jorge Lafour e Cyro Cunha, é o relato de um personagem, em cuja alma habita a cobiça, morador de um casarão mal-assombrado povoado de fantasmas remanescentes de um período de esplendor e misérias humanas comuns à escravidão. Com o espírito atiçado pela ambição, imagina que passeia pelo solar uma alma penada pelo dinheiro que enterrara. Sôfrego, cava o chão em busca da sonhada riqueza sem perceber a cobra que desliza por seu corpo até sufocá-lo enrodilhada em seu pescoço

Espécie de apólogo moral, condenação da cupidez que desconhece limites e riscos na obstinação infrene à procura da fortuna. Ao mesmo tempo serve de contraponto à imagem opilada e indolente do Jeca sem "a moléstia e a calúnia" do caipira de Lobato.

Tudo indica que a experiência de Cela como ilustrador de livros não se repetiria apesar do êxito alcançado com seu traço sem similar e a feliz conciliação entre texto e imagem, mais uma faceta deste artista poliédrico.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Paulo Ayrton. Raymundo Brandão Cela. **Revista do Instituto do Ceará,** Fortaleza, v. 104, n. 104, p.170-175, 1990.

CEARÁ. Secretaria da Cultura. **Raimundo Cela:** luz natureza e cultura. Fortaleza: Skol, 1994. 132 p.

DEODATO, Alberto. **Senzalas**. 1919. 121 p.

Exposição Raimundo Cela 1890 - 1954: pinturas, desenhos, gravuras. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004. 47 p.

FIRMEZA, Nilo de Brito (Estrigas). **Raimundo Cela 1890 – 1954.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004. 400 p.

WEBGRAFIA

FGV – CPDOC. **Alberto Deodato**. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alberto-deodato-maia-barreto. Acesso em: 23 nov. 2017.